

IMPACTO: "Quem levanta com fé, vence com Deus"



MANCHETE DO DIA: "Arte Cena: 40 anos provando que o drama e a comédia nunca saem de moda"

ARTE CENA: QUATRO DÉCADAS DE ARTE E UMA NOITE DE HOMENAGENS



Sorrá periferia! Na noite de sábado, 25 de abril, o auditório do Centro Cultural Hermes de Paula se transformou em um verdadeiro altar da memória e da arte. Havia no ar um sopro de saudade — desses que não entristecem, mas aquecem o coração — misturado a um sentimento vivo de celebração. Era como se o tempo tivesse decidido fazer uma pausa para reverenciar aqueles que ajudaram a escrever, com talento e paixão, a história cultural de Montes Claros. Sob a assinatura do Grupo Arte Cena, que neste ano alcança a marca admirável de quatro décadas de atuação ininterrupta, a cerimônia ganhou contornos de poesia. À frente, com a sensibilidade de quem entende a cena e respeita suas raízes, o ator e diretor Aroldo Soares conduziu a noite como quem acende luzes sobre lembranças que jamais devem se apagar. E não foram apenas os palcos que ecoaram nesse tributo. A homenagem se abriu generosa, abraçando escritores, cantores, compositores, produtores e agentes culturais — todos fios essenciais na tessitura que sustenta o título orgulhoso de "cidade da arte e cultura". Ao longo da entrega dos troféus, a emoção encontrou movimento e leveza em intervenções artísticas que costuraram a

noite com delicadeza e alegria. O encanto tomou forma com o Grupo de Ballet Jacqueline Pereira, ganhou cores e ritmo com o Grupo Fitas e se desdobrou em sorrisos espontâneos com a presença cativante do Palhaço Churrasco — como se a própria arte viesse, em cena, agradecer aos seus criadores. Em um dos momentos mais tocantes, os nomes anunciados "in memoriam" pareciam ganhar presença novamente, como se atravessassem o tempo para receber o aplauso que nunca termina. Foram lembrados Ayrton Trévisan, Amélia Chaves, Nelson Júnior (Bam Bam), Charles Boavista, Dulce Veloso, Dejanira Neves de Jesus, Elthomar Santoro Júnior, Igor Xavier, Ildeu Braúna, Gabriel Cardoso, Giovanni Fernandes, Zé Nilton, Marcos Guimarães, Mestre Zanza, Reginaldo Silva, Ricardo Brasil (Reco), Romildo Mendes (Rel Mendes), Téo Azevedo, Valentino, Yara Souto e Mestre Batista. Cada nome, uma história. Cada história, um pedaço da alma cultural da cidade. E assim, entre aplausos, lembranças e emoções que dançavam livres pelo auditório, a noite seguiu leve — com a certeza de que a arte, quando bem cultivada, não conhece despedidas. Ela permanece. Ecoa. E continua a nos contar quem somos.

PEREGRINO GOSTOU NAO GOSTOU



DA noite de homenagem que o Arte Cena proporcionou aquelas pessoas que ajudaram a eternizar a cultura montes-clarina. DO desinteresse com a cultura da terra de Figueira e da falta de investimentos para o nosso teatro. Muito triste. Sniff!



NA seção desta segunda-feira, o Peregras aproveita que o roteiro de HOROSKAROBA TEATRAL para apresentar o roteiro de cada signo. (Luzes se acendem. Um narrador misterioso surge.) - Karobanos e karobanos de plantão, o destino hoje não será previsível... será encenado! Confira:

Áries - (invade o palco sem esperar a deixa) - "EU JÁ CHEGUEI!" Erra o texto, mas entrega energia. Sai aplaudido... mesmo sem saber por quê.

Touro - (entra devagar, carregando uma cadeira confortável) "Só faço a cena se for do meu jeito." Fica parado 10 minutos — o público chama de "arte contemporânea".

Gêmeos (troca de figurino no meio da fala) "Eu disse isso? Não, quer dizer... disse sim... ou não?" A plateia acha genial. Nem você sabe o que está acontecendo.

Câncer (música triste ao fundo) "Essa cena me lembra algo..." Chora tanto que o público começa a chorar junto — sucesso absoluto.

Leão (holofote automático) "Finalmente, o protagonista chegou." Rouba todas as cenas, inclusive as que não são suas.

Virgem (interrompe a peça) "Desculpa, mas a marcação está errada." Arruma tudo. A peça melhora... mas ninguém sabe se continua.

Libra (parado no centro do palco) "Direita ou esquerda? Drama ou comédia?" Fica tão indeciso que vira um novo gênero teatral.

Escorpião (surge das sombras) "Eu sempre estive aqui..." Ninguém confia, mas ninguém consegue parar de olhar.

Sagitário (entra com mapa e mochila) "Essa peça é só o começo!" Some no meio do ato. Volta com histórias aleatórias.

Capricórnio (com um roteiro gigante) "Disciplina, pessoal!" Enquanto todos atuem, você já planeja a sequência, o orçamento e a aposentadoria da peça.

Aquário (quebra a quarta parede) "E se vocês também fizerem parte da peça?" O público fica confuso... e levemente transformado.

Peixes (deitado no palco, olhando pro nada) "Isso é real... ou é sonho?" A peça termina e você ainda está em cena. THE END (Luzes se apagam. O narrador volta.) - "No fim, ninguém seguiu o roteiro... e foi exatamente isso que fez dar certo."



Um mosquito pergunta à mãe: — Mãe, posso ir ao teatro? E a mãe mosquito responde: — Pode, mas cuidada com as palmas!

ABRAÇOS E ANIVERSARIANTES

Abraços para o(a)s aniversariantes desta segunda-feira (27/04): Glorinha Mameluque, Regi Ferreira, Paulinha Oliveira, Katia Maria dos Santos Oliveira Larissa Mello, Amanda Rocha, and Sandy. Feliz aniversário a todos(a)s, parabéns e longa vida! Por hoje é só. Até a próxima. Bye!

GRAN FINALE

"O segredo da felicidade não é fazer sempre o que se quer, mas querer sempre o que se faz"



TEATRO: FALHAS, RISOS E CORTINAS: HISTÓRIAS DE PALCO & AFINS



SOLDADO COM ALL STAR — Sim, sim, salabim! Já que estamos falando de teatro, lembrei de uma época em que fizemos uma peça com Dulce Veloso. Em *Reis dos Reis*, que contava a história de Jesus, um jovem ator chamado Luciano, que sonhava em seguir carreira, entrou em cena como um soldado romano... usando um tênis All Star. Dulce ficou furiosa. Interrompeu tudo e mandou ele sair do palco na mesma hora.

QUE CHICOTADA — Santa chicotada, Batman! Pipiti! Em outro espetáculo, Brasileiros

Eternamente Brasileiros, dirigido por João Jorge (hoje colonista), havia uma cena sobre a Inconfidência Mineira. Nosso querido Aroldinho Soares interpretava um dos soldados que torturavam os inconfidentes. Só que, no calor da atuação, ele acabou dando uma chicotada de verdade em Cláudio Manoel da Costa, interpretado por Tônico. Não deu outra: o ator saiu imediatamente do personagem e gritou: "Aiii! Tá doendo!"

FURA OLHO — Pipiti, pipiti, pow! Por falar em encenação, procissão costuma ser mais "ao vivo" e menos controlada que palco, né? Tudo acontecendo no meio da rua, emoção lá em cima... basta alguém se empolgar um pouco demais pra virar história lendária. O Duba entrou tanto no papel de soldado romano que esqueceu que o Dé não era dublê. E o melhor é essa quebra total: o povo esperando um momento solene e, de repente, Jesus soltando

um "Cê quer me deixar cego, Duba?" no meio da via-sacra. Não tem quem segure o riso.

Blá, blá, blá, abobristico feito durante os bastidores de uma peça teatral pelo nosso querido Aroldinho Soares, ator, diretor, produtor, pastor, pai, marido e outros coisitas mais, e que merece registro: "Karoba, eu olhei pro público e pensei: eles não sabem que eu também não sei o que tá acontecendo." Blam!

QUILOMBOLA DE PESO — Luzes, câmeras, ação! Outra falha nossa aconteceu na peça teatral Zumbi, dirigida pelo coleguinha Arthur Amorim Júnior, na cena do ataque dos soldados ao Quilombo dos Palmares. Era pra ser tudo tensão e drama: invasão, luta, "mortos" caídos pelo chão, aquele clima pesado. Terminada a cena, vinha a parte da retirada dos corpos... só que um dos quilombolas era tão gordinho que ninguém conseguiu levantá-lo de jeito nenhum. Tentaram de um lado, do outro, fizeram força, mudaram a estratégia... e nada. Até que o "morto", percebendo o impasse, resolveu facilitar a vida de todo mundo: levantou sozinho, sacudiu a poeira e saiu andando como se fosse parte do roteiro. Silêncio de meio segundo na plateia... seguido daquele riso geral inevitável. Uí. Falha nossa.

NÃO MORRE NUNCA — Cruz mastruz, quem sair por último apaga a luz! Ainda na peça teatral Zumbi, ocorreu uma cena curiosa com o dublê de ator Hilário Bispo. Conhecido por não seguir as ordens do diretor, ele interpretava um dos quilombolas e, em determinado momento, recebeu vários "tiros" em cena, mas insistia em não morrer, prolongando a atuação além do previsto. A situação acabou fugindo do controle da direção. Sem conseguir encerrar a cena de forma normal, os atores que interpretavam policiais se reuniram e acabaram retirando-o à força para fora do palco, para que a apresentação pudesse prosseguir. Ufa!

ATRIZ RELAXADA — Pipocou na panela do vovô! Nosso querido Eduardo Brasil, brilhante teatrólogo, reuniu um grupo de atores e cantores para a encenação do musical *A Noite do Espantalho* (que, como boa obra dramática da vida real, não passou dos ensaios). Antes de começar, Brasil fazia aquele tradicional momento de relaxamento com o elenco. Uma atriz chegou atrasada, toda sem graça, e se desculpou. Ele, tranquilo, respondeu: "Deita aí e relaxa." Foi quando o irreverente Elthomar Santoro, sempre pronto, soltou a pérola: "Não precisa não, Brasil... ela já é relaxada." Silêncio de meio segundo... seguido daquele riso geral que salva qualquer ensaio.

